



## Sobre resistências populares e imprevistos: a trajetória de Edward Thompson e sua crítica ao marxismo estruturalista

Cessimar de Campos Formagio<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta a trajetória intelectual e militante de Edward Thompson e analisa a crítica do autor ao estruturalismo marxista. Em sua proposta teórica e política, construída no interior dos debates marxistas, Thompson contrapõe-se a perspectivas analíticas que secundarizam – ou mesmo ocultam – as mediações culturais em que são construídas as resistências populares. Nas críticas que Thompson direciona a Althusser, presentes no livro *A Miséria da Teoria*, é possível compreender as razões de sua crítica, assim como as repercussões do debate, que envolve não somente os dois autores, mas remete a conflitos e embates presentes nas esquerdas ontem e hoje. Uma análise da trajetória de Thompson e de seus argumentos são trazidos para reflexão.

**Palavras-Chave:** resistências, estruturalismo, experiências sociais, esquerdas.

Recebido em 26/02/2016

Aceito para publicação em 27/06/2017

DOI: <https://doi.org/10.25067/s.v21i2.15106>

### Introdução

A trajetória de Thompson: militância e comunismo marginal

Edward Palmer Thompson nasceu em 1924 em Oxford, cursou História na universidade de Cambridge e atuou no grupo de Historiadores do Partido Comunista da Grã-Bretanha, ao qual o autor foi filiado por 14 anos. A atuação de Thompson como professor não se deu, inicialmente, como professor acadêmico: dos 22 aos 41 anos, ele lecionou num curso de extensão (convênio entre uma associação de trabalhadores e a universidade de Warwick, no norte da Inglaterra) para jovens e adultos no período noturno. A experiência como professor de grupos de trabalhadores e a militância catalisaram a produção do

---

<sup>1</sup> Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2004), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (2013) e doutoranda no PPGS-UFSCar (2015). E-mail para contato: cessiuba@yahoo.com.br.

livro que o tornou mais conhecido: *A formação da classe operária inglesa*, de 1963. Nesta obra, Thompson constrói uma interpretação da história centralizando as resistências dos trabalhadores ingleses nos séculos XVII e XVIII, e já aponta o debate com as vertentes estruturalistas do marxismo, algo que estará presente de forma cada vez mais intensa no decorrer de sua militância e de seus textos. Edgar Deddeca (1995), que se dedicou por muito tempo à obra de Thompson, destaca que *A formação da classe operária* nasce com dois objetivos claros: propor uma interpretação alternativa da organização dos trabalhadores e iniciar um debate dentro da esquerda:

*O alvo da obra de Thompson era muito preciso: em primeiro lugar oferecer uma alternativa de interpretação sobre a formação da classe operária inglesa, que tinha recebido de Engels o primeiro tratamento histórico. Em segundo, abrir um debate entre as velhas e novas esquerdas, no que dizia respeito à teoria marxista, muito abalada em seu prestígio intelectual devido aos resultados do stalinismo (Deddeca, 1995: 4)*

Quando Thompson escreve este livro, já havia se dado intenso debate sobre o autoritarismo e burocratização dos partidos comunistas e do governo russo. A ruptura de Thompson e outros militantes com o partido ocorre em 1956, na explosão das críticas ao governo comunista russo e de acontecimentos históricos<sup>2</sup> (invasão da Hungria, discurso de Khrushchev) que suscitam reflexões profundas sob o caráter da militância nos partidos comunistas. Estes questionamentos induzem um debate caloroso dentro do marxismo:

*Para termos uma ideia da importância da crise do comunismo, que também convive com a invasão da Hungria pelas tropas soviéticas, podemos dizer que na Europa a intelectualidade da esquerda comunista tomou 2 posições importantes: de um lado ficaram aqueles que decidiram dar um crédito de confiança e permanecer nos partidos comunistas ocidentais, como foi o caso de Sartre, na França, e Eric Hobsbawm, na Inglaterra. Outros optaram por uma posição de esquerda independente dos PCs, como fizeram Claude Lefórt,*

---

<sup>2</sup> Em 1956, há o discurso de Khrushchev no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, com a divulgação de um relatório sobre o período de Stalin. Este contexto é agravado pela invasão soviética da Hungria, e como repercussão, vários filiados abandonam o Partido Comunista Britânico, inclusive muitos historiadores, entre eles Thompson.

*Castoriadis, Merleau-Ponty na França e Thompson na Inglaterra (Deddeca, 1995:2)*

Quando Thompson se aproxima o olhar ao cotidiano popular para analisar como grupos de trabalhadores elaboram, através de seus recursos morais, culturais e afetivos, respostas (conivência e negação) à subordinação e restrição de suas vidas, ele faz oposição a um modo de explicação histórico que traz os sujeitos sempre como reféns da lógica dominante e que, por essa deficiência, precisariam de um guia político que lhes ensinasse a romper com as dominações que lhes envolvem. A oposição é, no plano teórico, aos marxistas estruturalistas e, no plano político, aos militantes partidários que defendem o partido como vanguarda operária. Eis que a crítica não é pequena e irrelevante, e por isso seu impacto é explosivo e rende muitas objeções e resistências dentro do marxismo, as quais se manifestam, inclusive, através do silenciamento em relação às profundas críticas de Thompson. Tal silêncio se expressa também no Brasil, onde sua obra só foi tardiamente publicada e não foi tão debatida nos meios acadêmicos e de militância<sup>3</sup>.

O livro *A miséria da teoria* foi escrito em 1978 e traz o debate com Althusser sobre os contextos culturais em que se elaboram as resistências de classe. Para Thompson, perspectivas estruturalistas como as de Althusser desconsideram as experiências e escolhas populares que se fazem no cotidiano, ao toma-las recorrentemente como expressões da “falsa consciência”. As críticas e reflexões trazidas nas linhas dessa obra têm como alvo não somente a obra de Althusser e seus próximos, mas um modo de produção de teoria e de prática política ainda hoje muito presente nas esquerdas, o que indica a importância atual de analisar as posições de Thompson. É o que tentamos frisar durante este trabalho.

A rejeição em distanciar teoria, observação empírica e prática política parece ter nutrido em Thompson suas críticas tanto ao partido comunista inglês como aos grandes esquemas analíticos acadêmicos. A ruptura de Thompson com o partido se deu no início dessa permanente e crescente crítica, que não aparece somente em 1968 em *A formação*, mas já está presente quando Thompson, junto com John Saville, historiador também filiado ao partido, edita,

---

<sup>3</sup> Edgar Deddeca (1995) conta que *A formação da classe operária e Senhores e Caçadores ficaram* “guardados nas gavetas da Editora Paz e Terra e ninguém mais acreditava em sua publicação”, a publicação dessas obras somente ocorreu em 1987, quando Deddeca acordou com a editora a publicação. dos livros. Moraes e Muller, que também se dedicam às análises de Thompson, afirmam que havia expectativa de debate em torno da “Miséria da Teoria”, mas, “o impacto no meio acadêmico não aconteceu”

no início da década de 1950, a revista *Reasoner*, com análises que destoam do pensamento hegemônico do partido. A revista levou à expulsão de Thompson e Saville, que já estavam em processo de saída. Os dois editam, então, outra revista, a *New Reasoner*, que prossegue com as críticas à política burocratizada do partido.

As críticas ao marxismo estruturalista permeiam comumente as discussões de grupos de esquerdas e se desenham, em cada local, conforme as especificidades dos grupos que estão discutindo. Na Inglaterra, houve o fortalecimento do agrupamento que se chamou *Nova Esquerda* e que resultou na construção da revista *New Left Review*<sup>4</sup>. Formada por autores como Stuart Hall, Raymond Williams, Thompson, Raphael Samuel, a revista trazia, naquele momento, análises sobre as mediações culturais que permeiam as resistências populares. A revista foi compreendida por Thompson como um modo de fortalecer a crítica aos modelos estruturais de análise, buscando outras alternativas. Certamente os debates dentro da revista se fizeram presentes na construção de *A miséria da teoria*, inclusive o acirrado debate que, depois de sete anos de existência da revista, se deu entre Thompson e Perry Anderson:

*Será na New Left Review, em 1965, que Thompson travará um dos debates mais quentes dentro do marxismo inglês e europeu, criticando acidamente dois editores da revista, Perry Anderson e Tom Nairn, por seu marxismo teórico e abstrato, completamente afastado das tradições da cultura popular da Inglaterra (Deddeca, 1995:3)*

Esse debate entre Perry Anderson e Thompson, que levou a saída do segundo do editorial da revista, se prolongou por vários anos, e se intensificou com a publicação de *A miséria da teoria* (1978). As afirmações contidas nesta obra tiveram impacto dentro da *New Left*, levando a diferentes posicionamentos entre os intelectuais ligados à revista<sup>5</sup>.

A defesa de um marxismo que reconheça as influências dos contextos culturais nas ações coletivas populares foi tomando uma dimensão crescente na trajetória intelectual e política de Thompson e se reflete em toda sua produção e militância. A partir de 1965, Thompson deixou de ministrar aulas no curso

---

<sup>4</sup> A 1ª publicação é de 1960.

<sup>5</sup> Maria Célia de Moraes e Ricardo Gaspar Muller (2005) mencionam um debate ocorrido em Oxford em 1979, um ano depois da publicação de *A miséria da teoria*. Neste debate, o texto de Thompson é alvo de avaliações e críticas, expressando uma divisão entre posições da Nova Esquerda.

noturno e assumiu cargo de pesquisador na universidade de Warwick por 6 anos, até deixar o cargo por discordâncias políticas. A partir de então, Thompson leciona esporadicamente nos Estados Unidos e Canadá e se dedica ao movimento pacifista e anti-nuclear. Segundo informações de amigos próximos<sup>6</sup>, como Hobsbawn e Dale Tomish (Deddeca, 1995), Thompson chegou à década de 1990 muito pobre e doente e escreveu, neste contexto, seus dois últimos livros: *Costumes em Comum* e o não traduzido para o português *Witness to the beast*, em que analisa o radicalismo inglês de William Blake. A defesa de um marxismo mais próximo das performances populares, o que Thompson nomeou como socialismo humanista e, mais tardiamente, como comunismo libertário, leva a variadas interpretações do percurso de Thompson. Lowy nomeia Thompson como herdeiro do “romantismo revolucionário”, referindo-se a influência dos poetas e militantes W. Morris e W. Blake no seu olhar, já Deddeca (1995) defende Thompson como herdeiro das tradições libertárias inglesas.

Thompson direcionou críticas não ao marxismo em si, perspectiva da qual o autor se reconhece como parte, mas a uma forma específica de apropriação da obra de Marx em que as ações do sujeito já surgem pré-determinadas pelos contextos sociais, não restando espaço para se considerar a variedade de interpretações e sentidos que envolvem uma experiência social. O teor de determinação é questionado para trabalhar com o termo pressão. Os sujeitos sociais vivenciam pressões sociais e a elas elaboram respostas, fazem escolhas condicionadas pela realidade material e de acordo com as mediações culturais dispersas no meio social. Se são pressões, e não determinações, então os comportamentos não podem ser totalmente previstos. A imprevisibilidade é uma dimensão a ser considerada, de modo que se torna inviável pensar um sistema analítico em que a forma de organização produtiva determine as reações sociais. É interessante o exemplo trazido por Thompson da: mulher, esposa de um, amante de outro, mãe, operária numa confecção de roupas, tesoureira no partido Trabalhista e que toca violino. Há várias “pressões” sobre essa mulher e um dia ela entra em depressão e procura, então, uma explicação/solução para o seu caso. E aí se mostra a impossibilidade de se prever as reações às condicionantes sociais:

*Não sei como continua a história. Tenho dois roteiros alternativos. Um deles é óbvio: ela é levada a um hospital*

---

<sup>6</sup> Informação retirada de Deddeca (1995).

*para doentes mentais depois de uma tentativa de suicídio, e mantida sob efeito de valium. No outro, volta ao trabalho, porque, em última instância, a hipoteca tem que ser paga e os filhos alimentados. No trabalho, a situação se agrava. Um companheiro militante lhe dá Althusser para ler. Faz-se a luz e ela exclama: “Eu não sou uma coisa, atira o livro sobre o capataz; promove uma greve na fábrica; deixa o marido e o amante e ingressa no movimento de libertação feminina. Retorna à orquestra, mas, infelizmente, apaixona-se pelo maestro e recomeça a confusão” Thompson, A Miséria da Teoria, 1981: 169)*

Como nos sugere o exemplo dado por Thompson, a trabalhadora em questão pode não reagir de acordo com um ideal de “resistência proletária” esperado por um modelo teórico, o que não significa que não elabore outras formas de resistência e nem que não tenha ciência das violências que a cercam. Há certa imprevisibilidade nas ações populares porque os contextos de significação das situações são variados e mais dinâmicos que as expectativas dos enquadramentos analíticos. As pressões são significadas e sentidas (Thompson as menciona como `consciência afetiva e moral`), são vivenciadas e compõem a experiência. Do processo de interpretação das experiências surgem as escolhas e as ações, essas não são somente produto da ideologia dominante - não são somente consenso - e nem somente resistência (negação). Os produtos são inesperados, assim como a influência que exercem no contexto social, por isso a reação a uma crise financeira ou mesmo à um programa governamental não pode ser prevista, é preciso observar a relação entre os grupos que se antagonizam para observar as permanências e mudanças num período de tempo.

Estruturalismo marxista e expressão popular

A obra *Miséria da teoria* foi publicada em 1978 e traz críticas a um perfil de interpretação marxista: a que toma a organização produtiva da sociedade como elemento central da configuração política, de modo que a estrutura do Estado, as organizações políticas e os grupos populares surgem sempre como expressão imediata dessa base organizacional. O primeiro alvo da crítica de Thompson é o pensar/agir stalinista, afinal foi esta racionalidade que desencadeou toda crise que levou muitos intelectuais-militantes ao rompimento partidário. Diferenças de interpretações entre marxistas ligados aos PCS já se mostravam em 1956:

*Na véspera da impressão da Reasoner, a URSS desencadeou uma intervenção militar na Hungria, encerrando as expectativas de que seria possível, no leste europeu, um processo de desestalinização e democratização gradativa. Diante deste quadro internacional e fim das esperanças de abertura de discussão no partido na Inglaterra, Thompson e Saville optaram pela desfiliação, assim como a maioria do grupo de historiadores e mais 7 mil militantes comunistas (Fortes, Negro e Fontes, 2001: 39)*

O conflito inicial que se dirigia ao que se chamou, na época, de stalinismo foi, com o decorrer do tempo, mostrando que as discordâncias eram mais profundas e envolviam pensamentos e ações que se mantinham preservadas em alguns grupos comunistas que se proclamavam antistalinistas. Neste momento, o confronto de posições no debate marxista passa a se dar entre o grupo do qual Thompson faz parte, que defende uma interpretação histórica mais processual e com valorização das ações dos grupos, e o grupo dos marxistas de viés mais estruturalista, que priorizam as análises macroeconômicas, com ênfase no desenvolvimento das forças produtivas. Este cenário explica porque os textos de Althusser (A favor de Marx, escrito em 1965 e Ler o Capital, em 1973) tiveram intensa crítica de Thompson<sup>7</sup>, assim como explica também os desentendimentos que se deram no interior da *New Left Review*, entre o grupo ligado a Thompson e o ligado a Perry Anderson e Tom Nair, estes considerados com expressões da 2ª. Nova Esquerda britânica. Thompson deixou o editorial da revista em 1963, quando escreveu *A peculiaridade dos ingleses e outros artigos*, onde aponta problemas teórico-práticos do marxismo ortodoxo<sup>8</sup> e confronta, em muitos momentos, as análises de Perry Anderson. Há observações (Deddeca, 1995, Fortes, Negro e Fontes, 2001) das consideráveis mudanças que houve nos artigos da revista a partir desta ruptura, há comentários sobre a perda da ligação teoria-empíria e prioridade a debates conceituais marxistas, mas o que quero destacar é uma mudança menos comentada e que nos mostra que a crítica de Thompson não era estritamente teórica, mas mirava também a ação política que está pressuposta na teoria. Destaco as seguintes observações em relação à mudança na revista:

---

<sup>7</sup> Fortes, Negro e Fontes, 2001

<sup>8</sup> O termo ortodoxo é criticado por alguns marxistas que questionam essa divisão, porém entendendo importante manter o termo para explicação do debate e para pontuar que, para muita(o)s autora(e)s, marxistas e não-marxistas, o marxismo de viés mais estruturalista é chamado de ortodoxo em contraposição à análises marxistas mais processuais.

*A nova linha editorial da New Left Review contrastava abertamente com o rumo adotado pelos principais ex-participantes do grupo de historiadores do partido comunista, como Thompson. Basta lembrar que é nesse mesmo ano de 1963 que ele publica A formação da classe operária inglesa, no qual, tanto empírica como teoricamente, retoma a história popular inglesa, tendo como novo referencial político não mais a identificação de uma organização (o PC) como herdeira desta trajetória de lutas, mas as múltiplas experiências que expressam a classe trabalhadora em seu processo de constituição” (Fortes, Negro e Fontes, 2001:42)*

*No contraste entre a ênfase nas experiências sociais, culturais e políticas da classe trabalhadora inglesa e a condenação de sua incapacidade em se tornar uma classe hegemônica (exposta nos artigos de Anderson e Nairn), estavam definidos os termos do debate político e teórico que polarizaria a esquerda inglesa” (Fortes, Negro e Fontes, 2001: 43)*

Como os referidos estudiosos da obra de Thompson pontuam acima (grifos meus), Thompson reconhece e enfatiza o potencial da experiência vivida e a capacidade de criação política dos grupos populares. A centralidade do partido hierarquizado e a obrigatoriedade de sua existência (e logicamente de seus dirigentes) para organização popular são negados neste olhar, colidindo interpretações marxista que visualizam os grupos populares como reféns ideologizados das conjunturas econômicas. A necessidade de tutela partidária ou, em outras palavras, de um grupo de dirigentes partidários que organizem os grupos populares é, de forma às vezes sutil e outras mais explícitas, desconstruída por Thompson, o que leva a entender que a crítica do autor não foi, por toda sua vida, parte de um debate estritamente acadêmico, mas sim contra algumas posições militantes, ainda bem presentes, inclusive nas esquerdas brasileiras. Por esta razão, Deddeca (1995) interpreta Thompson como comunista em proximidade ao pensamento anarquista, herdeiro de uma tradição libertária inglesa que o fez um “criador de problemas” dentro do marxismo:

*Seria muito pertinente aliar as tradições intelectuais de Thompson ao pensamento libertário, que na Inglaterra nasce com os radicais da revolução gloriosa, como os Diggers e os Levellers. Esse pensamento dissidente que, do ponto de vista doutrinário, seria possível, fora da*



*Inglaterra, associarmos ao pensamento anarquista... Estas linhagens de tradições libertárias são muito fortes na Inglaterra. Podemos compreender porque Thompson, apesar de se tornar um historiador marxista, se tornou um marxista muito heterodoxo. (Deddeca, 1995:7)*

O conflito teórico e político vivenciado por Thompson se fez muito presente nos debates brasileiros nas décadas de 1980/90 (Sader, 1988) e ainda ecoa em muitos embates travados dentro das esquerdas. Ler *A Miséria da Teoria* é como “ouvir” uma história que se percebe que existe, mas foi pouco contada, é imaginar as dificuldades enfrentadas por críticas como as de Thompson, que foi chamado de humanista burguês, como revela a próprio autor na referida obra. Busco, neste trabalho, refletir como se constrói a crítica e qual é a proposta teórica e prática que surge na contraposição, ou seja, qual o modo de interpretação histórica que está proposto nas críticas de Thompson e qual sua repercussão política.

“Criando problemas” ao marxismo: A Miséria da Teoria

Quando Thompson escreve *A Miséria da Teoria*, em 1978, já o faz em resposta às afirmações de Althusser em *A favor de Marx* e *Ler o Capital* (escritas em 1965 e 1973, respectivamente). Fica perceptível, no decorrer da leitura, que Althusser é criticado enquanto integrante do grupo marxista que se afirma antistalinista, mas traz em sua interpretação e modo de agir muito do que caracterizou o stalinismo. Thompson visualiza um pensamento marxista hegemônico que enfatiza a força reprodutiva das condicionantes sociais, dificultando o reconhecimento das mudanças, inclusive quando elas ocorrem em formatos não previstos:

*Homens honrados, como Cornelius Castoriadis, que não abandonou nem por um instante sua luta contra o capitalismo, deixaram a tradição marxista deste modo: veem-na como irreparável, inerentemente elitista, dominadora e antidemocrática (os “cientistas” e os demais) e condenada pelos seus frutos ortodoxos e stalinistas. E concordo com boa parte de sua crítica (saudação aos velhos camaradas do Socialisme ou Barbárie!). Mesmo em sua acerba polêmica com o “marxismo”, vemos que estão empregando – e de maneira muito melhor – conceitos aprendidos inicialmente em Marx. (Thompson, A Miséria da Teoria, 1981: 287)*

Thompson pensa o materialismo histórico tendo como desafio entender, a partir de dados empíricos, como os conflitos de classe se configuram e alteram numa unidade de tempo. A experiência vivida e suas significações são entendidas como relevantes para compreensão das relações sociais. Nesse caminho, trava embates com o estruturalismo marxista, problematizando a análise “superestrutura que emana da base”, defendendo que, antes de ser um fator determinante, a base (organização social e econômica) exerce pressões que são sentidas pelos sujeitos, porém, a essas pressões existem respostas que variam conforme os sentimentos e mediações culturais. Há uma citação de Stalin e outra de Althusser que Thompson traz ao texto para mostrar o pouco espaço que é dado à dimensão política criativa:

*Não pode ser de outro modo. A base cria a superestrutura precisamente para servi-la, para ajudá-la ativamente a tomar forma e consolidar-se.* (Stalin, apud Thompson, 1981:91)

*De um lado a estrutura (base econômica: forças produtivas e relação de produção), do outro, a superestrutura (o Estado e suas formas jurídicas, políticas e ideológicas).* (Althusser, apud Thompson, 1981: 93)

Nas duas citações, há a ideia de um molde de organização social que ejeta seus produtos fielmente à sua imagem e semelhança, o enfoque é sobre esse molde e seus movimentos, pois são esses movimentos que determinam as expressões culturais e políticas de um momento histórico. Thompson observa que, com as severas críticas ao stalinismo, foi necessário ao estruturalismo marxista rever o mecanismo desse pensamento e Althusser o fez afirmando a “determinação em última instância pelo modo de produção” e a “autonomia relativa das superestruturas”. Mesmo com tal “flexibilização”, mantém-se a imagem de uma fôrma de onde emergem figuras à sua imagem e semelhança e onde a possibilidade de alteração é bem pequena. Há uma grande previsibilidade dos acontecimentos históricos, já que uma grande estrutura (La structure à dominante, na expressão de Thompson) opera definindo as respostas sociais e, já que assim o faz, não há a necessidade de observação empírica para se entender as relações de classe. A prioridade é a construção de uma complexa “teoria da história” em que os acontecimentos e a possibilidade de mudança (e o caminho para tal) estejam previstos:

*O movimento só pode ocorrer dentro do campo fechado do sistema ou da estrutura, isto é, por mais complexos e*

*mutuamente recíprocos que sejam os movimentos das peças, este movimento está encerrado dentro dos limites gerais e determinações da estrutura pré-dada. Por essa razão, a história como processo, como acontecer inacabado e indeterminado, tudo isto – que seria verdadeiramente a característica mais profunda da dialética marxista – deve ser negado. (Thompson, 1981: 97)*

O estruturalismo marxista tende a priorizar, como ponderou Thompson, a análise sincrônica, destaca as permanências do processo histórico e, mesmo quando uma mudança é visualizada, ela se dá porque a base estrutural, em última instância, a possibilitou. Por isso, inclusive, que certas expressões sociais não são vistas como resistência ou como forças de criação política, elas não estavam previstas no roteiro analítico. Essa interpretação ficou muito evidente, por exemplo, no olhar analítico que pressupôs que o operariado, por estar na linha de produção, seria o ator central de uma mudança social, invisibilizando as expressões de trabalhadores rurais, mulheres, desempregados, entre outros. A ideia de um sistema teórico em que as engrenagens permitem uma maior previsibilidade faz com que a possibilidade de interpretação histórica seja restrita a quem manuseia esse conjunto teórico; quase nunca, se lança um olhar para os momentos em que o que era previsto de se reproduzir segue outro caminho e se mostra como resistência e mudança. Expressivas neste sentido as considerações de Thompson:

*Acima de nossas cabeças, nas altas academias, os inquisidores discutem, discordam violentamente, mas reconhecem a reputação uns dos outros. Arrancam-nos uma negação: a negação da agência humana, da criatividade, uma negação de nós mesmos. Mas ao sairmos de sua tortura teórica, vemos, pela janela, o processo da história se desenvolvendo. Apesar de tudo, ela se move! (Thompson, 1981: 123)*

Notamos pela observação acima, e isso se faz evidente em vários momentos do texto, que as observações de Thompson não são apenas metodológicas, com interesse central de defesa de um método analítico, mas partem de uma crítica à ação política que emana da teoria criticada. Quando Althusser, por exemplo, nega a importância da observação empírica, para defender que o ponto de partida é o conhecimento construído, no caso, a obra de Marx, está pressuposto que: primeiro, todo acontecimento deve estar, de algum modo, previsto na “teoria matéria-prima”, deve encaixar-se nela e,

segundo, que a interpretação histórica só pode se dar, portanto, por quem domina a “teoria matéria-prima”, daí a legitimidade de um grupo específico de “ler” a história e apontar a melhor direção política. A necessidade de vanguarda está, portanto, defendida e legitimada pela teoria. Tal premissa incomoda Thompson, o autor visualiza a relação entre o marxismo estruturalista e a política de vanguarda partidária, cujos efeitos ele visualizou na atuação do partido russo e mesmo em parte daqueles que se dizem críticos ao autoritarismo partidário. São expressivas as ressalvas de Thompson no sentido de indicar a permanência do teor stalinista mesmo no que vem como crítica ao stalinismo:

*Estou tentando desemaranhar esse novelo de lã, em benefício de uma geração que se considera pós-stalinista, mas que, com frequência, não é (Thompson, 1981: 144)*

*Por que deveríamos nós, de uma geração pós-stalinista, ser perseguidos pela sua lembrança? Minha resposta pode ser breve ou longa. A breve é a seguinte: vocês não são uma “geração pós-stalinista”. São uma geração em meio a qual as razões e legitimações do stalinismo estão sendo, por meio da prática-teórica, reproduzidas no dia-dia. (Thompson, 1981: 151/152)*

O modo de compreensão social que marcou e justificou o controle partidário sobre as movimentações populares disformes (no sentido que não cabiam num molde) permanece difundido em algumas vertentes de esquerda. Os esforços de Thompson são na intenção de identificar como isso acontece, e como é possível questionar essas enraizadas premissas. Para o autor, a apropriação estrutural do marxismo (que já existia) se fortaleceu após a 2<sup>a</sup>. Guerra Mundial, no contexto da Guerra Fria, em que se tinha um cenário de estagnação e incertezas, em que as esquerdas se sentiam acuadas diante das metamorfoses do sistema capitalista, de um lado, e da crise internacional comunista, de outro. Essa “dureza” em muito foi entendida como um gesso, uma estrutura, ou seja, havia uma forte pressão (e Thompson sempre toma as condições sociais como pressão e não como determinação) para a interpretação estrutural da história. Mas em relação às condicionantes sociais sempre há variadas respostas, a pressão não molda totalmente as ações – ao contrário do que diria um olhar estrutural. Thompson analisa que o marxismo estruturalista foi bem aceito e conseguiu espaço, tanto que se tornou hegemônico nos anos de 1950/60, atuando, em certa medida, como uma forma de controle histórico, deixando de considerar a participação dos grupos sociais no desenho político – seja pela consensualidade, seja pelas resistências em suas várias expressões.

Este trabalho surge de uma pequena reflexão sobre as críticas e propostas de Thompson, admitindo que muito do que o autor afirma ainda está por ser “digerido” e indica a atualidade de suas obras. O debate segue.

As respostas ao “problema”

Em 1957, após a saída do partido comunista, Thompson e Saville mantiveram as publicações da revista que haviam iniciado no ano anterior e que foi um dos motivos da saída/expulsão do partido. A revista *New Reasoner* trouxe um artigo<sup>9</sup> em que Thompson defende o que chama de socialismo humanista. O termo humanista, para esse grupo dissidente, vem na defesa de se considerar os grupos populares como agentes da história, como sujeitos que reagem e redefinem as situações sociais. A expressão humanista estaria, neste sentido, mais ligada às ressalvas de que há algo vivo e performático nas elaborações dos sujeitos a partir das “pressões” sentidas, ou seja, eles não são somente “marionetes” (tragers, como escreve Thompson) da estrutura. A defesa desse humanismo, ao desafiar uma interpretação marxista hegemônica e que surgia enquanto crítica ao stalinismo, é mal recebida por parte de intelectuais marxistas. Em 1964, como resposta à crítica, Althusser escreve o artigo “Marxismo e Humanismo”, em que coloca o humanismo como uma ideologia burguesa que se cala sobre o conflito de classes, ao defender um humano genérico, não posicionado na estrutura social. Neste momento, Althusser operacionaliza a famosa divisão entre um Marx jovem, que seria então contaminado pelo humanismo de Feuerbach e, portanto, ainda com pouca clareza da luta de classes, e um Marx maduro, cuja expressão está materializada em *O Capital*. Os socialistas humanistas estariam ligados, então, a uma leitura marxista feita a partir das observações do jovem Marx e teriam ressuscitado, portanto, princípios liberais: *sob grandiosas expressões de humanidade ocultava-se a exploração do homem pela burguesia*<sup>10</sup>

Ao fazer essa crítica ao humanismo socialista de Thompson, Althusser (e o grupo teórico-político a que está ligado) questiona o viés marxista das análises deste autor, julgando-as, ainda, reacionárias. Thompson relata uma parte das críticas que recebeu não somente de Althusser, mas de um grupo de marxistas estruturalistas:

---

<sup>9</sup> “Socialist Humanism”, *New Reasoner*, n. 1, verão de 1957, p.107

<sup>10</sup> Thompson expõe a argumentação de Althusser, 1981: 138.

*Meu artigo sobre o “Humanismo socialista” foi particularmente notado: “Thompson repete calúnias que são feitas por revisionistas de todos os matizes”. A revista sobre “Humanismo socialista” foi criticada como sendo dirigida por um grupo de renegados: “os escribas venais que colaboram na imprensa imperialista reacionária bem poderiam processar o autor por plágio: Thompson repete suas fantasias sobre o `stalinismo`, sobre a supressão do indivíduo na URSS, ele pede ardorosamente nada mais que uma revolta contra a ideologia soviética”. “Como todos os traidores, como todos os renegados e anarquistas. E. Thompson usa a expressão humanismo socialista como: `Uma cortina de fumaça, ao proclamar a identidade da moral da classe proletária com “uma atitude administrativa”, clamando uma revolta contra a desumanidade. Esse caluniador contrapõe, de todas as formas, o “homem em geral, abstrato à sociedade, ao coletivo, ao partido comunista, a favor de um “humanismo socialista” supostamente novo, que coloque homens e mulheres reais no centro da teoria, em lugar do que chama de abstrações ressonantes: o partido, o marxismo-leninismo-stalinismo, a vanguarda da classe operária. (Thompson, 1981: 145)*

Na demonstração de Thompson, nota-se o quanto sua crítica foi mal recebida e gerou tentativas de associá-lo a vertentes liberais. O humanismo defendido por Thompson nunca negou as “condições reais” em que vivem os sujeitos, mas reivindicou um humanismo no sentido de tirar do silêncio sujeitos que, mediados por sentimentos, percepções e pela cultura, elaboram respostas e interferem no desenho social. Em um momento de crise do referencial marxista ortodoxo e de ameaça à centralidade do partido entre os militantes e nas manifestações populares, foi preciso, como argumenta Thompson, “inventar” inimigos, montar a figura de críticos `pequenos burgueses` para assim se firmar e tentar reestabelecer o controle. Os conflitos entre posições hegemônicas e as marginais é permanente, seja no marxismo ou outros grupos teóricos, como defendeu Thompson: *o humanismo socialista era, acima de tudo, a voz de uma oposição comunista* (1981:152), nunca foi anticomunista, há, ao invés disso, uma busca por outra apropriação dos textos de Marx.

O materialismo histórico e cultural ou comunismo libertário

As análises de Marx sobre a relação entre a organização produtiva e a

configuração política construiu-se em contraposição às premissas liberais da autonomia entre a forma de divisão social das riquezas e as ideias preponderantes num espaço social. Quando acompanhamos as formulações de *Ideologia Alemã*, é visível o empenho de Marx em demonstrar a relação direta entre os interesses dos grupos que monopolizam os meios de produção e as ideias mais difundidas num dado momento. Essa é uma associação que ficou bem trabalhada na teoria marxista, mas há uma linha sutil entre a) afirmar que pressões incidem nos sujeitos e originam tendências a certas ações e pensamentos e b) supor que a ação e o pensamento somente surgem determinados, a priori, pelos discursos dominantes que os envolvem. Essa linha sutil foi, como afirmam Thompson e Raymond Williams, extrapolada em algumas vertentes marxistas:

*Não foi o marxismo, mas o sistema que combateu e continua combatendo, que separaram e fizeram a abstração de várias partes da totalidade do processo social. Foi a afirmação e a explicação de formas políticas e filosóficas e ideias como independentes do processo social material que produziu um tipo necessário de contra-afirmação. No fluxo da polêmica, isso foi com frequência exagerado, até chegar a repetir, numa inversão de termos, o tipo de erro que atacava. (Raymond Williams, Marxismo e Literatura, apud Thompson, 1981: 174)*

A ideia de determinação da base sobre a superestrutura acabou por criar tantas dificuldades analíticas e seguiu sendo questão de incessantes debates. Há expectativas de que integrantes de uma mesma classe social comporte-se de modo similar, ou como refém submisso da posição social em que está ou com rebeldia à desigualdade percebida, mas não vemos exatamente essas reações, mas sim uma variedade de respostas: há concordâncias, revoltas, oportunismos, desesperanças, resistências variadas. No objetivo de considerar as mediações que envolvem as experiências vividas, Thompson tentou construir um caminho analítico que o autor nomeia como materialismo histórico e cultural, deslocando o teor de determinação para trabalhar com o termo pressão: os sujeitos sociais vivenciam pressões sociais e a elas elaboram respostas, fazem escolhas, de acordo com as mediações culturais dispersas no meio social. Se são pressões, e não determinações, então os comportamentos não podem ser totalmente previstos, é até possível indicar tendências, mas diante da consideração de que elas podem não acontecer.

A imprevisibilidade é uma dimensão a ser considerada, de modo que se

torna inviável pensar um sistema analítico em que a forma de organização produtiva determine as reações sociais. Esse dinamismo precisa, de acordo com Thompson, ser considerado na interpretação histórica, e é impossível fazê-lo quando se parte da teoria ao invés de primeiro se observar, empiricamente, como se dão as relações. A ideia de que o domínio de um esquema analítico é a garantia da mais perspicaz explicação histórica e da orientação de um caminho a seguir é uma armadilha analítica e política.

Como podemos, então, definir o materialismo histórico e cultural que Thompson propõe em contraposição ao estruturalismo marxista? Um ponto fundamental, já que há a defesa do materialismo histórico, é considerarmos que o modo de organização produtiva não é desconsiderado: ele forma o cenário em que ocorrem as situações, mas opera menos como determinante que como pressões e dificuldades que os grupos enfrentam. E como esses se relacionam com tais pressões? Esse é um segundo ponto e que remete ao contexto cultural. As pressões são significadas e sentidas, são vivenciadas e compõem a experiência. Trata-se de uma outra forma de se relacionar com os grupos populares, já que esses não são vistos como marionetes ou portadores de “falsa consciência”, mas como sujeitos expostos a restrições e que respondem, conforme o contexto cultural, diversamente a elas.

#### Contribuições da proposta de Thompson – Conclusões Finais

Ao explicar com detalhes suas críticas ao marxismo estruturalista, Thompson nos permite refletir o lugar que as experiências - vividas e interpretadas pelos próprios agentes – têm nas ações coletivas. A leitura de *A Miséria da Teoria* é muito instigante, suscita o questionamento a grandes sistemas teóricos que já pré-explicam sem precisar olhar, sem atentar para o modo como os grupos lidam com as restrições que vivem e a variedade de respostas que dão e como essas respostas influenciam uma situação. Além do fato de que o debate, feito nas décadas de 1960 e 1970, segue atual e se faz presente na academia, assim como nas militâncias.

Há um momento do texto em que Thompson afirma que o estruturalismo, ao partir da teoria e não das práticas sociais, acaba por cair no idealismo, porque a fidelidade é com o modelo teórico e não com o movimento das relações sociais. Essa observação nos traz uma importante ressalva: em quantos momentos já não partimos de teorizações prontas e tomamos a realidade



observada como forma de comprovação? Thompson não secundariza os processos econômicos, a questão não é a inversão de sinais, e sim repensar a relação entre as “condições dadas” e os sujeitos “agentes da história”. A proposta do autor é trabalhar menos com a ideia de determinação, que pressupõe marionetes que se movem conforme os balanços estruturais, do que com a noção de limitações e pressões. O modo de organização social exerce pressões, tensiona a permanência, mas há variadas respostas dos grupos sociais a tais pressões, há furos ao esperado, redesenham-se as cenas. A história é oxigenada, é vista como um processo indeterminado:

*Ao contrário da opinião de certos teóricos, nenhum trabalhador conhecido pelos historiadores permitiu jamais que a mais-valia lhe fosse arrancada do couro sem encontrar um modo de reagir (há muitas maneiras de fazer cera) e, paradoxalmente, por sua reação, as tendências foram desviadas e as “formas de desenvolvimento” se processaram de maneiras inesperadas. (Thompson, 1981:171)*

Quando a relação de determinação das “forças de produção” é questionada, é questionado também o poder irrestrito das elites de moldarem a história fielmente aos seus interesses, como acontece nos casos das análises em que as mudanças sempre são entendidas devido a um acordo “pelo alto” ou estritamente pelos interesses do Estado e mercado, como se as movimentações populares não existissem e não influenciassem os acontecimentos. Esse questionamento é claro, por exemplo, em Sidney Chalhoub, historiador influenciado por Thompson: a argumentação de seu livro *Visões de Liberdade* indica que os trabalhadores escravizados elaboravam, dentro de limites e das coerções da época, suas formas de resistência e atrapalharam em muito a continuidade do sistema escravocrata. As mãos negras também desenharam a transição pro trabalho assalariado, mesmo que essa tenha se dado com extrema subalternização e exclusão da(o)s escravizada(o)s.

Reconhecer que as “pressões sociais” são vivenciadas, interpretadas, respondidas e que estas respostas desenharam as situações traz a indeterminação histórica, as previsões são mais questionadas, e traz também a possibilidade de surpresas (agradáveis ou não) para quem investiga as relações sociais. É possível que um pesquisador chegue numa fábrica ou num bairro e tenha expectativa de encontrar determinados comportamentos, mas pode se deparar com posições inesperadas, as quais mesclam concordâncias, mas também

deslocamentos e resistências aos processos sociais que os subjagam. Quando Thompson dá o exemplo da operária, esposa, mãe, amante, religiosa, o cenário é de alguém perpassado por várias condicionantes e que responde a elas, é sujeito em várias relações assimétricas. Há um incentivo para se pensar a história em processo, as permanências e mudanças num período de tempo observado.

#### Referências

- CHALOUB, S. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DEDDECA, Edgar S. E.P. **Thompson: um personagem dissidente e libertário**. Projeto História, São Paulo, n. 12, 1995.
- FORTES, NEGRO E FONTES. Peculiaridades de E.P. Thompson. Em: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. E. P. Thompson**. Antonio Luigi Negro e Sérgio Silva (orgs). Editora da Unicamp, 2001.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org). Editora UFMG, 2003.
- HOLLOWAY, J. **Mudar o mundo sem tomar o poder**. Editora Viramundo, 2003.
- MORAES, M.; MULLER, R. **Miséria da Teoria – o debate de History Workshop**. Revista Esboços, n. 14, UFSC, 2005.
- THOMPSON, E.P. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)**. Zahar Editores, 1981.

#### **On popular and unexpected resistances: Edward Thompson's trajectory and his critique of Structuralist Marxism**

##### ABSTRACT

This work presents the intellectual and militant trajectory of Edward Thompson and analyzes the author's criticism of Marxist structuralism. In his theoretical and political proposal, built within the Marxist debates, Thompson contraposes analytical perspectives that relegates to a second position - or even conceal - the cultural mediations in which the popular resistances are constructed. In Thompson's criticisms of Althusser in *The Misery of Theory*, it is possible to understand the reasons for his criticism, as well as the repercussions of the debate, which involves not only the two authors, but refers to the conflicts and clashes present in the yesterday and today lefts. An analysis of Thompson's trajectory and his arguments are brought to the fore.

Keywords: resistences, structuralist, lefts, social experiences.